

## MEMÓRIAS EM RELEVO: Reflexões sobre o tempo, as rugas e a memória na linha Chronos <sup>1</sup>

Bruna MAYO<sup>2</sup>

Ana Catarina HOLTZ<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

Este trabalho pressupõe que no contexto cultural contemporâneo se intensifica toda uma luta pelo controle do tempo. Em decorrência deste cenário e visando pertencer à sociedade na qual prevalece esta ideia, os indivíduos recorrem à manutenção de seu corpo como estratégia de inclusão, especialmente acerca da convergência das rugas de seu rosto, que por sua vez tem consequências perceptíveis no âmbito mercadológico. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando retomar os conceitos de cultura, pela Semiótica da Cultura, tempo e memória, para ilustrar este fenômeno, foi realizado um estudo de caso da marca Chronos, da Natura. No desenvolvimento da reflexão proposta, cabe destacar o pensamento dos autores Agamben, Lotman, Brystina e Rolnik que validam a complexidade das rugas de um rosto.

**PALAVRAS-CHAVE:** rugas, cultura, tempo, memória, semiótica da cultura, “Chronos”

### INTRODUÇÃO

Certo dia, o poeta português Miguel Torga<sup>4</sup> partilhou mais uma vez seu dom aos semelhantes, cedendo-o gentilmente sob a forma do poema “Da Realidade” (TORGA, 1975), do qual vale o destaque de um suspiro comum: “como é difícil ver o natural quando a hora não quer!”. De fato, esta dificuldade pode ser capaz de atormentar a muitos, mas talvez não seja sempre perceptível, pois os mesmos olhos que guardam histórias passadas, presentes e futuras podem torna-las fantásticamente anacrônicas.

É neste enredo de temporalidades circunstanciais que se insere este trabalho, uma dúvida alimentada diariamente pela sobreposição dos chamados “momentos”. Cada qual formatado com histórias, lugares, personagens, linguagens diferentes etc., mas todos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, email: [mayo.bruna@hotmail.com](mailto:mayo.bruna@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, email: [anaholtz89@gmail.com](mailto:anaholtz89@gmail.com)

<sup>4</sup> Miguel Torga: pseudônimo adotado pelo poeta português Adolfo Correia da Rocha, nascido em 12 de agosto de 1907, dedicou-se à medicina, à produção literária e teve alguns de seus livros censurados pela ditadura de Salazar. Morou na cidade de Coimbra, onde faleceu e é reconhecido até hoje com homenagens (por exemplo, dá nome ao Instituto Miguel Torga e à Casa Museu Miguel Torga). Sua obra retrata as relações do homem com a terra e o mundo, explorando também a amplitude da consciência e reflexo da morte. (in website Portal da Literatura - <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=260>, acesso em 12/04/2015)

convergentes no que tange a uma mesma existência, impressos sob a pele dos indivíduos conforme suas durações. Mas o que é o tempo? Orgânico ou fictício? Dominante, recessivo ou apenas atordoante?

O que dizer também desta derme que por obséquio ocasionalmente permite que o parceiro tempo se “materialize” em curvas, originando as linhas de vida denominadas rugas? Sob a hipótese de que esta eventual renúncia cutânea, quando frequentemente observada, é capaz de constituir um *habitat* natural do tempo, caberia também a este movimento a ideia de cultura, complexa em sua essência. Ainda, pela menção às rugas, convém ressaltar a sugestão do corpo mesmo que sinuoso como matéria da cultura, traduzida pelo conceito de memória, por sua vez, perceptível em cada matriz histórica impressa na matéria do indivíduo.

Vale lembrar que esta derme pode ser vigorosa, independentemente de seu estado físico, coloração, convivência com outros filamentos, pois o que espontaneamente pode prevalecer é seu caráter de personificação da passagem do tempo, ou seja, uma forma de concretude da memória. Em contrapartida, uma vez submetida à ação do tempo, esta pele torna-se reflexo de um indivíduo inserido em uma sociedade apreensiva em relação à finitude do ser e nesse percurso, as opções de pertencimento se reduzem cada vez mais à experiência dos idosos.

Curiosamente, a reprodução das rugas, sinônimo de história individual e coletiva é capaz de propagar certo desconforto, por ser uma resposta antitética a um cenário em que o reconhecimento das mais variadas formas de juventude valida a identidade social do indivíduo. Como consequência deste contexto, portanto, não seria possível ampliar a perspectiva sobre a situação e transforma-la em oportunidade de negócio? Talvez a atividade da indústria cosmética coincida com tal entendimento.

Tempo. Ou melhor, uma luta contra ele. Em decorrência deste cenário, movimento e visando pertencer à sociedade na qual prevalece esta ideia, os indivíduos recorrem à manutenção de seu corpo como estratégia de inclusão, especialmente acerca da convergência das rugas de seu rosto em algo previamente idealizado pelo grupo, que por sua vez tem consequências perceptíveis nos âmbitos fisiológico e mercadológico.

Nesse sentido, este trabalho problematiza, então, a seguinte questão: a partir de um contexto cultural em que se intensifica toda uma luta pelo controle do tempo, quais os reflexos da manutenção das rugas de um rosto como estratégia social?

Por representar uma interface entre o problema de pesquisa e a ideia de “tempo”, a

linha de produtos “Chronos” foi escolhida como objeto do estudo. O referido estudo de caso, portanto, desempenhará um papel fundamental na busca pela elucidação da reflexão suscitada no plano conceitual, acerca de uma triangulação complexa entre cultura, tempo e as próprias rugas de um rosto.

## **A HERANÇA EM PROCESSO: A VIDA COMO TEXTO DE CULTURA**

Sob a ótica do semioticista Lotman (1998), cultura é memória. O autor compreende por memória sua extensão não-hereditária, de modo a sugerir a transmissão de textos de cultura como tradição. Esta cultura, por sua vez, é sujeita às leis do tempo, contudo, possui mecanismos de resistência à própria ação do tempo, o que a torna um paradoxo.

Lotman (1998) destaca a luta pela memória como força motriz para a história intelectual da humanidade e sinaliza a linguagem como fundamental para sua existência. Isso é, a transmissão da memória se legitima em função de uma linguagem comum. Nas ocasiões em que não há memória comum, a comunicação não se sustenta. Ainda, quanto mais complexa é a linguagem, especialmente no que tange à transmissão e produção de informação, mais profunda sua memória.

Com base nesse raciocínio, é possível pensar na relação do indivíduo e seu corpo diante da ação do tempo como uma estratégia de comunicação, em prol da continuidade da espécie. Em virtude da necessidade de gestão de sua permanência, a sociedade assume uma linguagem comum no que diz respeito ao corpo, de modo a valorizar textos culturais que possam sobrepor as limitações orgânicas com a passagem do tempo.

A pele, enquanto código não somente genético, mas também social, pode ser compreendida como sistema cultural e, desse modo, uma das concepções de memória capazes de transpor os limites do orgânico. Por consequência, as rugas de um rosto também podem ser concebidas, ao mesmo tempo, como origem e produto da cultura.

A cultura permite a extensão da primeira realidade humana, a física, e auxilia os indivíduos em sua relação com o mundo, de modo a orienta-los quanto aos limites que validam a vida em comunidade. Assim, ainda que os indivíduos optem por viver de maneira isolada, este comportamento também tem valor para qualquer intenção de cultura.

Para Bystrina (1995), a partir da natureza do sujeito, estruturas do pensamento corroboram para a solução de impasses que limitam sua performance diante da morte, iminente em sua essência. Nesse sentido, é possível dizer que a consciência cultural serve

como maneira para atenuar as angústias orgânicas e adquiridas, mesmo ao ser desafiada constantemente pelas adversidades favoráveis à suspensão da vida.

É possível pensar que o flutuante resultado da transformação das respostas do indivíduo às necessidades provocadas pela limitação de seu corpo com o ambiente, aqui constituído como texto de cultura, coincide com a própria preservação da existência da sociedade. Isso é, o jogo de curiosidade, temor e ressignificação traduzido por cultura é parte da experiência do ser humano e fundamental para sua continuidade.

Nesse sentido, o ambiente, ao suscitar a inquietude no indivíduo, é capaz de revelar algumas tendências da humanidade. Porque, em função de suas bordas, o sujeito recorre a modos de comportamento como recursos da superação imaginária das oposições do mundo e, assim, aperfeiçoa sua tradição, sob a forma de textos culturais. Nessa lógica, cabe propor cultura como um conjunto que, sempre suscetível e dependente de mudanças, serve de extensão idiossincrática do indivíduo (BYSTRINA, 1990). Dito de outro modo, a cultura é reflexo de uma consciência individual e coletiva, que se propaga por meio da dualidade “desejo *versus* limitação do sujeito”, sejam estes polos físico e/ou psíquico.

Especialmente no que diz respeito ao “desejo”, chama a atenção a percepção de Agamben (2010), que apresenta a necessidade do reconhecimento pelos outros como algo inseparável do ser humano. Em valor à sua complexidade, pode ser pensado como

(...) tão essencial que, segundo Hegel, o ser humano está disposto, para o obter, a pôr a sua própria vida em jogo. Não se trata, com efeito, simplesmente de satisfação ou de amor-próprio: mas é antes, somente através do reconhecimento dos outros, que o homem pode constituir-se como pessoa (AGAMBEN, 2010, p. 61).

É importante ressaltar a concepção de ‘reconhecimento’ como fundamental no âmbito das relações humanas, uma vez que ela pressupõe a própria noção de personalidade, amplamente estudada por diversas áreas do saber. O reconhecimento implica a constante inversão de papéis que o indivíduo pode assumir durante sua vida, tendo em vista a diversidade de situações às quais se submete e as consequentes máscaras que precisa vestir para corresponder a elas.

A ideia de máscara presume a interface entre o sujeito e as expectativas, identificadas ou não, referentes a si e ao ambiente como um todo. Isso significa que, embora a abstração de máscara tenha se tornado pejorativa, comumente sinônimo de falsidade, a própria história da humanidade se transformou pela percepção de valor a partir de dualidades. Assim, é possível dizer que a identidade social é resultado da expressão de sentidos convenientes à situação, um esforço necessariamente contínuo.

Com as incessantes transformações de necessidades e da tecnologia que as acompanha, entretanto, não somente basta a máscara social adquirida. Em decorrência da inovação nas próprias formas de reconhecimento, a *socialidade* também passou a; ser identificável por meio dos traços de um polegar, impressos sob uma folha de papel. Os dados biométricos e genéticos, embora decodificáveis sob o esforço técnico daquele que exerce poder sobre os outros, se tornaram uma das versões mais íntimas e curiosamente perigosas de identidade. Na relação com seus dados biológicos, a noção de identidade que o sujeito constrói independe de ética e valores que o outro pode moderar.

(...) que relação posso instituir com as minhas impressões digitais ou com o meu código genético? Como posso assumi-los e, ao mesmo tempo, observar distância em relação a eles? A nova identidade é uma identidade sem pessoal, na qual o espaço da ética que estávamos habituados a conceber perde o seu sentido e tem de ser repensado de alto a baixo (AGAMBEN, 2010, pp. 67-68).

O autor denomina essa situação de vida nua, concepção de identidade que o próprio Estado admite para as pessoas. Sob essa ótica, vale inferir que o sujeito se torna suscetível a uma multiplicidade de máscaras em ambientes nos quais o fator numérico não é um dispositivo determinante para o reconhecimento. Em outras palavras, a identidade puramente biológica é capaz de tornar o indivíduo associal, uma situação que o distancia do reconhecimento e conseqüentemente provoca a sensação de fragilidade. Essa, por sua vez, instiga-o a se permitir adotar todas as máscaras que lhe forem possíveis para amenizar a carência social e, no fundo, desvincular-se da realidade, cada vez mais.

Para Agamben (2010), quanto mais o rosto é apresentado nu e o corpo coberto, em alguns casos em sua totalidade, instaura-se a supremacia do descaramento. Ainda, com a incontrolável expressividade orgânica do rosto, é possível confirmar ao mundo a cumplicidade das relações e, ao mesmo tempo, comprometê-las. Por esse motivo, cabe mencionar a perda da organicidade do rosto como um texto de cultura intensificado com a passagem do tempo, que valida o cenário desta discussão.

## **A GERAÇÃO SOLIDÁRIA – O TEMPO FÍSICO E SOCIAL**

Primeiramente, vale destacar que o tempo pode ser compreendido, concomitantemente, por um sinal de certeza, em função da finitude da vida e dúvida, por sua variação peculiar de acordo com situações e indivíduos específicos. Isso é, mesmo que a sociedade conceba a ideia de tempo cientificamente, pouco se pode afirmar acerca de sua

influência nas experiências individuais, especialmente no que tange ao corpo de cada um. Mais que um instrumento de medida, é possível dizer que o homem possui uma relação com o tempo que, de certo modo, valida sua existência enquanto ser social.

Para Prigogine (2011), o resultado da flecha do tempo, que representa a condensação de sua origem e possíveis desdobramentos permite que o tempo seja concebido como algo irreversível. Isso significa dizer que, independentemente das especificidades dos processos que integram a complexidade do tempo, ele se mantém como uma grandeza imutável.

Por outro lado, a irreversibilidade do tempo não pressupõe sua interferência ríspida na natureza. Em outras palavras, a ação do tempo, permite a ressignificação da natureza justamente por sua assimetria evidenciada, por exemplo, na distinção entre passado e futuro. Uma vez imutável em seu sentido macro, o tempo possibilita a percepção e constituição de um universo desequilibrado, mas que justamente parece útil aos indivíduos, pois não permite que estes se acomodem.

A complexidade do tempo como interface da existência dos indivíduos, então, pode ser relacionada à própria condição necessária para a relação e comunicação dos indivíduos, com o ambiente, com outros indivíduos e consigo. Na medida em que descobre os efeitos do passado e se atenta às formas com as quais pode atenuar seu futuro, o indivíduo ou mesmo a natureza podem ser considerados submissos à irreversibilidade do tempo. Em outras palavras, as consequências da passagem do tempo conferem significados físico e social fundamentais para o entendimento das relações de sucesso e insucesso que o indivíduo acumula em sua história.

É compreensível a dificuldade dos indivíduos em lidar com a irreversibilidade do tempo. Ainda atrelada ao pensamento de Prigogine (2011), esta situação revela uma dinâmica em que passado e futuro desempenham o mesmo papel; a passagem do tempo se apresenta como algo muito além do que os relógios são capazes de medir e, assim, embora seja possível distinguir o que já ocorreu e o que ainda está por vir, a complexidade da ideia de tempo se confirma pelo próprio desconhecimento de seus limites.

Na tentativa de alcançar os limites que confirmam coerência ao mundo, os indivíduos tendem a anteceder a abstração de tempo e seus reflexos, de modo a manipula-la para facilitar a própria preservação da espécie. Nesse contexto, é importante destacar o tempo enquanto fator social, que se diferencia em cada sistema sociocultural. Cada sociedade possui uma conexão própria com o tempo e seu próprio fluxo depende da percepção dos

indivíduos que a compõem e suas expectativas em função de um bem maior, a existência, “sempre existe na sociedade não um tempo qualquer, único e ‘monolítico’, mas uma gama de ritmos sociais condicionados pelas leis dos diversos processos e pela natureza dos diversos grupos humanos” (GOUREVITCH, 1975, p. 277). O tempo pode ser entendido como solidário, justamente por assessorar todas as gerações humanas e viabilizar a plenitude da cognição adquirida.

Pressupondo a vida em transição e os efeitos da passagem do tempo no corpo, especialmente no rosto do indivíduo, a fadiga em toda sua complexidade muitas vezes é uma questão que favorece a depreciação do próprio envelhecimento. Contudo, é possível pensar no cansaço como algo maior ao desgaste físico natural, em virtude de inúmeras sobreposições de respostas do indivíduo para a manutenção de sua inclusão social.

Nesse sentido, cabe pensar que a própria ideia de angústia desempenha um papel singular no comportamento dos indivíduos que por ela se deixam tomar: influenciadora na preparação do indivíduo para a aplicação de doses de pertencimento, quando observada sua dependência em relação aos padrões preestabelecidos pela sociedade, os quais Suely Rolnik identifica por aparelhos de homogeneização.

A ideia de exclusão é um dos principais fatores que maximizam a vulnerabilidade do indivíduo contemporâneo. A sociedade atual se configura pela dependência de um aparelho de homogeneização e constante ativação de doses aparentes de pertencimento (ROLNIK, 2002). Assim, o receio de não corresponder a uma série de referenciais identitários que enaltecem o rosto longo culmina em tentativas de otimização de seu vigor, por meio de intervenções devidamente planejadas.

Curiosamente, o desconforto causado pela passagem do tempo e os padrões de pertencimento vigentes suscita no indivíduo expectativas de otimização de sua existência. Isso é, constatados os principais marcos vitais (nascimento e morte) e os pré-requisitos sociais para o pertencimento, o indivíduo tende a trilhar seu caminho de maneira apreensiva, comedida.

O encantamento pela ideia de que determinadas frustrações podem ser evitadas, principalmente no que diz respeito àquelas impressas no rosto, faz com que o indivíduo passe a crer no resultado potencial de seu investimento de preparação frente à passagem natural do tempo. Nesse sentido, a atitude preventiva ao qual o rosto é submetido torna-se algo controverso, pois muitas vezes também significa que o próprio indivíduo está tentando abrandar, previamente, efeitos que apenas pressupõe.



Sob esta perspectiva, cabe recordar o fortalecimento da indústria estética e, entre suas vertentes, a indústria cosmética. O movimento pela longevidade torna oportuno o desenvolvimento de táticas que proporcionam uma renúncia à própria organicidade do sujeito e, assim, permite ampliar esta discussão para o âmbito mercadológico.

## **A PELE FUNCIONAL: ESTUDO DE CASO SOBRE A LINHA DE PRODUTOS “CHRONOS”**

Em primeira instância, é necessário mencionar que Chronos foi criada em 1986, para respeitar a beleza sem estereótipos e assim valorizar a mulher bonita de verdade<sup>5</sup>. No entanto, para este estudo será considerado seu posicionamento atual, representado pelo slogan: “Tem um para sua história”. É possível mencionar que esta frase resume o que foi discutido anteriormente, a ideia de temporalidades diferentes, que juntas constituem o conceito de cultura vigente.

É importante destacar que as sublinhas de Chronos que oferecem cremes de hidratação serão as principais referências deste estudo, tendo em vista que esta proposta pode ser diretamente relacionada às rugas. Em outras palavras, a ideia de hidratação pressupõe uma pele vigorosa, muito mais próxima de uma superfície jovem e pouco “desgastada” que as condições da pele transformada pelas rugas.

Embora os momentos sejam únicos, seu conjunto é que legitima a história do indivíduo e, no caso das rugas do rosto, são estampados um a um e cada produto de Chronos é oferecido de modo a atenuar as marcas deixadas por estes eventos. Assim, também vale ressaltar que o próprio nome da linha de produtos “Chronos” remete à ideia de temporalidade. Ela sugere ao mercado versões embaladas de temporalidades diferentes, que por sua vez reforçam esta mensagem em virtude do uso contínuo dos produtos. Isso é, a oferta de produtos de uso sequencial, diário, que acompanham fases da vida geram encantamento nos indivíduos por possibilitar que estes adquiram pequenas doses de funcionalidade em uma pele que já não vigora como antes.

De certo modo, esses produtos podem ser considerados ferramentas de manutenção do vigor social e físico dos indivíduos, espelhados nos rostos que carregam as rugas, sinais de história e sentimentos. Aqui, cabe relacionar o que Rolnik (2002) teoriza por “kits de perfil padrão”, um conglomerado de estratégias identitárias que viabilizam o trânsito do

---

<sup>5</sup> Descrição de Chronos na linha do tempo da Natura. (Fonte: Site Natura in <http://www.natura.com.br/www/a-natura/sobre-a-natura/historia/>; acesso em maio/2015)



indivíduo entre os territórios do pertencimento e do descarte. Posto que o envelhecimento parece contrapor o percurso do indivíduo rumo à inclusão, o ato de prevenir, atenuar ou retardar os reflexos da passagem do tempo estampados sob a pele do rosto, de certa forma, pode ser considerado uma estratégia favorável ao pertencimento social, necessariamente funcional.

Embora não seja possível distanciar-se da vida nua (AGAMBEN, 2010), uma vez que o rosto permanece na maioria das vezes descoberto, protege-lo com outros subterfúgios também é capaz de criar outras formas de expressão. Essas formas, entretanto, estão associadas à reprogramação da memória até então constituída em cada traço que o tempo exprimiu e assim, fazem o indivíduo imergir em um contexto de inatividade.

Assim, o uso contínuo dessas máscaras identitárias compactadas em “30g” facilitam, inclusive, o reconhecimento do indivíduo que teme uma existência social meramente residual. Isso é, toda a sensibilidade retratada em cada ruga de seu rosto passa a ter sentido quando reconhecidas pela sociedade como algo superado pelo seu portador (AGAMBEN, 2010).

Mesmo que a efemeridade seja predominante nesse contexto social, a busca por uma expressão facial preservada parece promover um relacionamento mais “tocante” que qualquer experiência profundamente sentida na pele. Eis um paradoxo interessante, pois a mesma pele que se adapta a qualquer situação e carrega memória em sua formação é aquela que a sociedade passou a conceber como espelho da insegurança dos relacionamentos e por isso deve ser manipulada.

Nesse sentido, os produtos de Chronos sustentam intrinsecamente a adesão ao seu uso a partir da provocação de um desconforto social. É possível sugerir que, com estes cosméticos, a pele, funcional em sua essência, deixa de ser sinônimo de transparência para se tornar a opacidade que ofusca a fragilidade dos indivíduos e assim os equaliza, diariamente.

Vale lembrar que o uso contínuo também confere aos produtos um caráter “religioso”, em virtude do culto à juventude. Na tentativa de amenizar as angústias da vida contemporânea e suportar suas limitações naturais, os indivíduos encontram nos tratamentos de Chronos uma opção vinculada à ilusão do prolongamento de sua existência. Em outras palavras, as rugas se tornam obstáculos que precisam ser superados ao final da corrida da vida e esses tratamentos atuam como o salto capaz de supera-los, para que o mínimo de dificuldades impeçam que o indivíduo cruze a inevitável linha de chegada.

Mesmo que cada organismo reaja ao seu modo em relação à passagem do tempo, especialmente no que diz respeito à rapidez e intensidade com a qual as rugas se formam no rosto, os produtos de Chronos oferecem ao consumidor a ilusão oportuna de equilíbrio do tempo. Assim, cabe afirmar que tais linhas de produtos apresentam “versões sólidas das temporalidades”, reservas de tempo em resposta à própria ação do tempo.

Vivenciar uma suposta opção de juventude, manipulável, parece muito atraente e embora custosa, a abstração do tempo em doses diárias é capaz de convencer o consumidor a participar de um ritual pragmático de ressignificação de sua história. À medida em o indivíduo percebe seu envelhecimento com maior intensidade, tende a se submeter a investimentos consideráveis em busca da sensação de ser reconhecido pelos semelhantes.

Cabe recordar que não necessariamente a idade do indivíduo é equivalente àquela que o corpo aparenta e que, no caso do envelhecimento, as rugas também denunciam os reflexos da passagem do tempo em outros locais além do rosto (por exemplo, as mãos). Isso permite a sugestão de que os cosméticos de Chronos, embora pareçam agentes da prevenção e equilíbrio da ação do tempo, por outro lado dificultam o aperfeiçoamento orgânico do indivíduo. Com isso, o espírito que habita o corpo e cujo espelho que o apresenta ao mundo é justamente o rosto também padece quando submetido à “proteção” desses cosméticos.

Ironicamente, a máxima “dar tempo ao tempo” se revela na relação complexa que este trabalho objetiva identificar. O acúmulo de experiências circunscritas na pele sob a forma das rugas e a proposta dos cosméticos em questão representam a tenaz associação do indivíduo e sua própria existência.

Ainda vale o destaque a outros elementos que intrinsecamente validam a proposta dos cosméticos que combatem as rugas. Toda a linha Chronos é composta por produtos que possuem Fator de Proteção Solar (FPS) adequado à proteção da pele contra os raios UVA e UVB, que aceleram a oxidação das células que formam a pele. Todos os benefícios dos produtos convergem à missão de respeitar a relação das mulheres com o tempo, segundo a empresa Natura.

Cabe lembrar que a apresentação do produto também influencia a questão do preço e, nesse sentido, o investimento da Natura nas embalagens dos cremes de hidratação antissinais também é relevante à discussão. De acordo com a própria marca, para auxiliar o desenvolvimento das embalagens da sub-linha, a etapa de pesquisa contou com um estudo semiótico, a fim de diferencia-las por cores que representam as principais características da

determinada faixa etária do produto (teoria das cores e noções de cromoterapia). Ainda é importante mencionar que a empresa trabalha com a opção de refil, ou seja, o consumidor pode adquirir apenas o creme em si, algo que também pode facilitar sua fidelização no que tange ao uso do produto.

Nos últimos três anos, a empresa praticamente não veiculou campanhas referentes aos produtos de Chronos. Em 2012, o então recém-lançado “Chronos 70+” foi protagonista de uma campanha, mas isso prevaleceu apenas naquele ciclo<sup>6</sup>, quando a empresa passou a utilizar campanhas de caráter institucional ou voltadas à promoção de outras linhas de produtos (por exemplo, as novidades das linhas Todo Dia, SOU e Ekos). No caso de Chronos, é importante mencionar que a comunicação com o consumidor ocorre efetivamente de outras maneiras (consultoras, redes sociais etc.).

Embora o principal canal de comunicação e venda desses produtos seja a consultora Natura, interlocutora do processo, é possível ampliar a percepção acerca do modelo de negócio aos demais concorrentes. Isso é, o mercado desse tipo específico de cosmético promove o contato da marca e seus produtos com o consumidor por meio de um interlocutor que realiza atendimento personalizado. Este meio de contato também valida a ideia de dependência do reconhecimento do outro, tendo em vista que a ação da consultora não somente apresenta os produtos, como também estimula a adesão do consumidor a partir da promessa de prevenção e reparo dos efeitos do tempo sob a pele.

Ainda, é importante dizer que mesmo que um ou outro concorrente não trabalhe com este canal de vendas, a premissa da necessidade da opinião de outro indivíduo é sempre capaz de influenciar a compra do consumidor e sua fidelização. Qualquer que seja o grau de relacionamento entre essas pessoas, a angústia pelo pertencimento é capaz de sobrepor as diferenças de valores pessoais e impulsionar os investimentos pelo bem comum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tessitura de ideias que fomentaram este trabalho despertou um paradoxo a partir de limites predefinidos. Orgânicos, sociais e, por que não ausentes, tais limites primeiramente pressupunham as rugas de um rosto como reflexos da aproximação do indivíduo e sua finitude.

---

<sup>6</sup> Ciclo é a maneira com a qual a empresa Natura denomina seus períodos de vendas, vinculados aos catálogos de produtos. (Fonte: Site Natura in <http://www.natura.com.br>)

Refletir sobre o tempo e sua passagem, no entanto, revelou uma predisposição dos indivíduos à angústia, que se origina nas transformações que regem a vida. As mudanças, especialmente no que diz respeito ao envelhecimento, estimulam um receio atrelado à prescrição de doses de recomeços e consequentes ressignificações.

Na realidade, o tempo é, em sua grandeza, desconhecido. E por mais que sua ação proporcione oportunidades de superação, os indivíduos intensificam sua busca por controlá-lo. Há uma impressão de que é preciso domina-lo para conquistar o reconhecimento pelo outro, uma vez que sua influência reduz os recursos disponíveis para este objetivo. Isso é, especialmente a partir da sociedade industrial, o sujeito percebe a ação do tempo sobre si como algo pejorativo, pois o próprio envelhecimento condiciona as pessoas ao descarte no âmbito da produtividade.

A procura desenfreada do indivíduo pelo reconhecimento do outro resume sua existência a uma promessa de satisfação. Todo comportamento se projeta em função desta questão e, por isso, as relações se constituem na mimese do desejo e do não-desejo. Nesse contexto, faz sentido a organização de uma atividade de controle em resposta à entrega que valida a relação de espelho.

Como alternativa, a própria indústria inova para desenvolver produtos que atendam a esta necessidade física e social. No caso da indústria cosmética, atenta à performance ativa, os produtos oferecidos pressupõem a própria alteração física da configuração do indivíduo em detrimento de sua existência social.

Se há produto, há previamente uma demanda que valoriza o apagamento da história impressa sobre o rosto. A consciência material sobrepõe a natureza e redefine as especificidades do sujeito, visíveis a olho nu. Nesse sentido, abrir mão da sua organicidade pressupõe a amplitude da angústia do indivíduo, em função da onipotência do tempo. Afinal, pela complexidade do arranjo de histórias e plasticidade da pele e a forma com a qual os traços se amoldam no rosto, as rugas embalam o tempo até que ele próprio adormeça em seu leito.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2010.

BYSTRINA, I. **Cultura e devoração**: as raízes da cultura e a questão do realismo e do não-realismo dos textos culturais. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 1990. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/finish/21-bystrina-ivan/66-cultura-e-devoracao.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Inconsciente e cultura**. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 1995. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/finish/21-bystrina-ivan/67-inconsciente-e-cultura.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

GOUREVITCH, A. Y. O tempo como problema de história cultural. In: RICOEUR, P. (Org.). **As culturas e o tempo**: estudos reunidos pela Unesco. Tradução Gentil Titton, Orlando dos Reis e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975. p. 16-21.

LOTMAN, I. **La semiosfera II**: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Fronesis, 1998.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. Tradução Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

ROLNIK, S. A vida na berlinda. In: COCCO, G. (Org.). **O trabalho da multidão**: império e resistência vida na berlinda. Rio de Janeiro: Grijalva, 2002. p. 109-120. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Berlinda.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2014.

TORGA, M. Da realidade. In: \_\_\_\_\_. **Nihil Sibi**: poesia. 2. ed. Coimbra: Coimbra, 1956.